



# NÃO PINTCHA

\* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E CULTURA \*

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU

## Relatório do Governo em debate na ANP de Cabo Verde

A VII sessão da Assembleia Nacional Popular de Cabo Verde vai ter lugar hoje na cidade da Praia. Durante essa sessão, que foi convocada pela Presidência daquele órgão de soberania nacional, será apresentado o relatório do Governo pelo Primeiro Ministro, comandante Pedro Pires e discutido o Orçamento Geral do Estado para 1979.

O relatório do Governo, para o qual o Primeiro Ministro pediu na última sessão a contribuição dos deputados, através de questões escritas, será certamente um balanço exaustivo da acção governativa durante o ano findo, como vem já sendo habitual e pelo que se depreendeu das palavras do Chefe do Executivo na última sessão.

## A falta de peixe em reportagem



Conforme anunciámos no número anterior, iniciamos hoje a publicação de uma reportagem sobre as deficiências no abastecimento de peixe e de carne nos mercados de Bissau. Neste número abordamos, nas centrais, o primeiro tema relacionado com a falta de peixe.

Através de contactos com entidades ligadas aos sectores pesqueiros, nomeadamente, a Guialp (detentora das câmaras de frio) e a Estrela do Mar, que aliás já retomou a venda do peixe nos merca-

dos da capital, e ainda com as entidades camarárias, tentamos dar ao leitor uma panorâmica do modo como se processa o fornecimento do pescado e das anomalias verificadas na sua distribuição.

Neste último caso, insistimos, uma vez mais no problema das revendedeiras ou «bideiras» que são as mulheres que compram peixe ao preço da tabela e depois vendem a olho (como a gravura acima documenta), praticando a mais desenfreada especulação.

No termo da visita de Luiz Cabral a Angola e S. Tomé e Príncipe

## Caloroso testemunho da amizade entre os nossos povos

● Presidente Manuel Pinto da Costa convidado a visitar o país

O camarada Luiz Cabral, Presidente do Conselho de Estado, regressou na terça-feira passada ao país, no termo de uma visita privada de amizade de três dias à República Popular de Angola e à República Democrática de S. Tomé e Príncipe, durante a qual analisou com os Presidentes dos dois países, aspectos relacionados com a cooperação bilateral entre os nossos Povos, Partidos e Governos.

O acolhimento reservado ao camarada Presidente nesses dois países amigos foi um testemunho vivo da profunda amizade que une os nossos povos, amizade cimentada na dura luta contra um inimigo comum, e que hoje assume uma nova dimensão na luta pela reconstrução e pelo progresso das nossas pátrias.

Com vista a desenvolver ainda mais os laços de cooperação que unem os nossos governos, o camarada Luiz Cabral frisou que ficou assente que nos próximos meses serão tomadas medidas para que em futuros encontros possam ser aprofundados os problemas ligados à nossa cooperação bilateral.

A par disso, e de uma maneira informal, houve entre os três chefes de Estado, larga



Luiz Cabral acolhido por Agostinho Neto no aeroporto de Luanda

troca de impressões sobre problemas africanos, e sobre problemas internacionais, em geral.

Em S. Tomé, onde chegou na noite de sexta-feira, o camarada Presidente Luiz Cabral

teve oportunidade de, pela primeira vez, descobrir a beleza exuberante daquela ilha, onde o esforço conjugado de todo um Povo, estreitamente unido em torno dos seus dirigentes, constrói um país mais próspe-

ro e mais generoso para com os seus filhos.. Das roças úberes, que ontem eram regadas pelo suor dum povo sacrificado em benefício exclusivo

(Continua na página 8)

## Dirigente da Swapo em Bissau

O aumento da ofensiva militar contra os racistas sul-africanos, as eleições organizadas pelo regime ilegal de Vorster-Pic Bhota sob um clima de intimidação e de tortura, elogiados à posição clara do PAIGC e do Governo da Guiné-Bissau em apoio à luta da Swapo, foram os principais assuntos abordados pelo representante da Swapo (movimento de libertação na Namíbia), para a

África Ocidental, Tuliameni Kalomoh, numa entrevista concedida ontem à imprensa nacional, no momento da sua chegada ao aeroporto.

Tuliameni Kalomoh, residente em Dakar, veio ao nosso país a fim de participar na jornada de 20 de Janeiro, cujas comemorações são dedicadas, neste sexto aniversário do assassinato do camarada Amílcar Cabral, à solidarieda-

de com o povo da Namíbia. «A situação na Namíbia, neste momento, pode ser descrita como muito crítica, porque o exército popular de libertação aumentou as suas ofensivas militares contra as forças racistas de ocupação, enquanto que, por outro lado, os racistas sul-africanos aumentaram a repressão e a

(Continua na página 8)

## O Irão depois do Xá

TEERÃO, 17 — Com o fora do país, muitos habitantes da capital iraniana manifestaram-se já contra o governo de Chapur Baktiar, considerado ilegal tanto pela hierarquia chiíta como pela oposição da Frente Nacional. Últimos vestígios da monarquia caíram anteontem com a destruição de estátuas do Xá e do seu pai Reza-Xá.

(Ver página 8)

## 20 de Janeiro, dia dos Heróis Nacionais: Solidariedade com o povo da Namíbia

No próximo sábado, 20 de Janeiro, sexto aniversário do assassinato, por agentes do colonialismo português, de Amílcar Cabral, Militante número Um do nosso Partido e Fundador da Nacionalidade, o povo da Guiné e Cabo Verde vai comemorar o dia dos Heróis Nacionais!

20 de Janeiro: nesta data, em que é ainda maior a lembrança que sentimos dos melhores filhos das nossas terras, que fizeram o sacrifício supremo pela libertação da Pátria, é também mais vivo o sentimento da sua presença entre nós. Evocar e homenagear Amílcar Cabral, Francisco Mendes, Domingos Ramos, Pansau na Isna, Titina Silá, Osvaldo Vieira, Rui Djassi e tantos outros jovens que escreveram com o próprio sangue as páginas mais gloriosas da nossa história, é acima de tudo defender, reforçar e desen-

volver o Partido e as conquistas da luta e avançar decisivamente na reconstrução nacional, para salvaguarda da obra por que deram a vida os nossos Heróis e Mártires e para a transformação das nossas terras na Pátria unida, próspera e feliz de todos os filhos da Guiné e Cabo Verde.

Hoje, conquistada a Independência e a paz, comemorar o 20 de Janeiro é, também, manifestar o nosso Incondicional apoio aos povos que, de armas na mão, combatem contra a dominação estrangeira, a opressão e demais formas de exploração, pela liberdade e pelo direito de decidirem o seu próprio destino.

(Continua na página 8)

## Crónica da Praia A mulher da rua

Tudo aconteceu!

Estava um daqueles dias esplêndido: temperatura amena e uma noite de luar.

Fazia-nos um convite abraçador o lugarejo citadino, a essa hora matinal, em que somente se vislumbra aqui e ali uma pequena faixa de luz nas janelas, por detrás da qual algum camponês se prepara à noite para o dealdar do dia seguinte.

O ambiente do bairro, com a grande precipitação que caíra no dia anterior, apresentava, mostras de um desejo impertinente, ainda mais a patentear-lhe o cheiro a terra molhada, para quem passeava pelas ruas e becos desertos.

Numa dessas excursões pelas ruas, qual não foi o meu espanto ao deparar, ao longe, com um vulto que, quanto mais me aproximava, desenhava as feições de uma mulher, sentada à porta da igreja, prostrada; à distância que nos separava, uns escasso metros, perguntei:

Que, estará a estas horas a fazer na rua?

Olhei o relógio que marcava horas mortas.

Fui movido pela curiosidade, e mais boquiaberto fiquei ao verificar que não era uma mulher, mas uma jovem dos seus 14 anos. Dei as boas-noites sem obter resposta, mas procurei, mesmo assim, tirar conversa. Perguntei: o que aconteceu? Respondendo por monossílabos, disse-me: Nada! No entanto insisti. Não vais descansar? De mau grado respondeu-me: «N'cá tem nada qui discansa. Só ta discansa quem qui tem qui pensa».

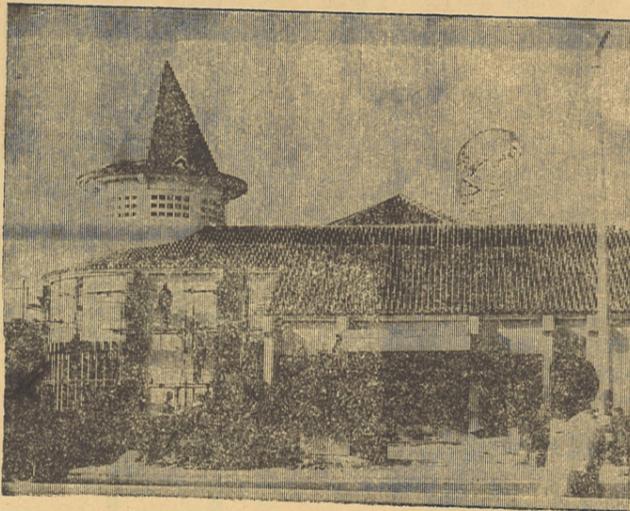
Bom! Pensei de mim para mim... vamos, rapaz, o que é que tens a ver com isso?

Puz-me a caminho, esquecendo o sucedido. Mas, ao ter uma amena conversa com dois rapazes que se encontravam nas proximidades, depois de me elucidarem, uma vez que viram a minha ignorância, depreendi que andavam atrás da tenra carne de gazela. Mas não foi tudo, porque ao insistir, disseram-me, com um nostálgico acento tónico bem pronunciado: «Família djà cá crê sabi nada d'ela».

Assim tomei o caminho de regresso, ficando os rapazes por saber da noite que para mim se tornara história, história... A pensar: Cal coladadi di amanhã Maria?

CARLOS EDGAR MORAIS — (Praia-C. Verde)

## Edifício dos Negócios Estrangeiros fica pronto em Fevereiro



Se chegar dentro em breve a última remessa de material, encomendado em Portugal pelo Comissariado de Estado das Obras Públicas, Construções e Urbanismo, ficam

prontas, em Fevereiro próximo, as novas instalações do Comissariado de Estado dos Negócios Estrangeiros.

As obras deste edifício, antigo Museu e Biblioteca

Nacional iniciaram-se em meados de 1975 e, devido à falta de material, (especialmente madeira), com que se depararam, não tinham ainda ficado prontas. Segundo o responsável pela obra, Salifo Embaló, o trabalho também custou muito, porque é mais fácil construir uma casa do que modificar um edifício, no interior e exterior.

Entretanto, informações recolhidas junto da Direcção do Comissariado de Estado das Obras Públicas, Construções e Urbanismo indicam que o material não foi adquirido com antecedência por dificuldades de financiamento em divisas, porque todo o equipamento foi importado. Mas o material que deverá chegar breve-

mente já foi pago e embarcado. Neste momento, só faltam o mobiliário, portas e janelas da fachada, equipamento para tradução simultânea e pintura. O mosaico para o chão já se encontra em Bissau e deverá ser colocado agora.

O novo Comissariado de Estado dos Negócios Estrangeiros terá instalações para a Direcção e Administração do Comissariado, um átrio principal e uma excelente sala de Conferências. Esta sala comporta 200 pessoas e dispõe de cadeira de tradução simultânea e cabines para os tradutores e para os jornalistas, com mobiliário bastante moderno. O jardim exterior é circundado por um muro.

## 15 mil contos da França para prospecção mineira no Gabú

No quadro da cooperação económica entre a Guiné-Bissau e a República Francesa, um protocolo de acordo para financiamento, pelo Governo francês, dos trabalhos de cartografia geológica e prospecção mineira na Região de Gabú, foi assinado anteontem de manhã, em Bissau, com o nosso Governo. O montante deste financiamento é no valor de 2 milhões de francos franceses, cerca de 15 mil contos.

Pela parte do nosso Governo, assinou o camarada Carlos Correia, Comissário de Estado das Finanças, e pela parte francesa, o encarregado de Negócios da França

no nosso país, sr. Hugues Jean Dianoux.

Assistiram ao acto de assinatura do protocolo, os camaradas Samba La-

mine Mané, Comissário de Estado dos Recursos Naturais e Inácio Semedo Júnior, director-geral da Cooperação Internacional.

Buba

## Recenseamento populacional

Para um estudo das questões de recenseamento populacional da Região de Buba, cujos trabalhos se iniciarão no próximo mês de Abril, chegou anteontem a Tite, capital regional, o camarada Francisco Xavier Barreto, director dos Serviços da Administração Interna, acompanhado de Feliciano Mendes Gonçalves,

funcionário do Departamento Central de Recenseamento.

A delegação foi recebida à chegada a Tite pelo camarada Arlindo Pires, chefe da Secretaria do Comité de Estado da Região de Buba, e teve ontem uma reunião de trabalho com os membros do Comité Regional de Recenseamento.

## Novo representante do PAM

Chegou a Bissau, o novo representante no país, do PAM — Programa Mundial para Alimentação — J. G. Gayard, que deverá ficar pelo menos três meses na Guiné-Bissau, para reorganizar, do ponto de vista técnico, os serviços referentes a este sector das Nações Unidas.

Segundo explicações de um alto funcionário das Nações Unidas em Bissau, presente à hora do desembarque de Gayard no aeroporto, essa reorganização prevê o agrupamento dos pequenos serviços de ligação com o PAM, antes estritamente fixados em cada Comissariado, num organismo conjunto de ligação com o nosso Governo.

## Responde o povo

### Que sugere para o melhoramento dos programas da Radiodifusão

O nosso tema de hoje é o de «Que sugere para o melhoramento dos programas da Rádio?» Como sabemos, a informação tem um papel muito importante na fase actual da nossa Luta de Reconstrução Nacional, que é o de informar, formando ao mesmo tempo. Sendo ela uma trincheira firme da nossa Revolução, compete-lhe divulgar acontecimentos, sejam eles políticos ou culturais, de todos os cantos do nosso país, constituindo um elo de ligação entre todas as camadas do nosso Povo.

Iancuba Indjai (M'banhi), funcionário da Cultura — «O que tenho a dizer é que os programas que a rádio tem vindo a apresentar são do meu agrado, e espero que continuem melhorando cada vez mais. Como sabemos, a rádio é o órgão de informação de maior alcance na nossa terra, visto

que a maioria do nosso povo é analfabeto. Por outro lado, a rádio tem estado a melhorar progressivamente a sua programação. Se fizermos uma comparação entre hoje e alguns meses atrás, poderemos ver uma certa diferença. Antes, ora apresentavam programas desactualizados, ora eram

noticiários com muitas «barracas» e sem grande interesse, mas agora, graças ao esforço dos nossos camaradas da rádio, muito mudou; não perco um noticiário sequer, pois agora são muito interessantes e com inovações importantes, como por exemplo a música, os comentários e as notas de abertura. Quanto à programação, acho que não posso adiantar nada, porque penso que os responsáveis da rádio é que sabem de quanto tempo dispõem, sem contarmos, é claro, com a carência de quadros qualificados. Na minha maneira de ver, acho que é melhor

termos poucos programas, mas bons e educativos, do que muitos programas sem nenhum interesse. Aproveito esta oportunidade para enviar um abraço muito forte e os meus parabéns para todo o pessoal da nossa rádio».

#### PROGRAMAS MONÓTONOS

Duarte Lopes Sanca, 18 anos, estudante — «Sou um ouvinte assíduo da nossa Radiodifusão Nacional e, como tal, penso que talvez possa dirigir algumas palavras no sentido de torná-la melhor. Para começar, gostaria em pri-

meio lugar de saudar calorosamente todos os camaradas da Rádio, e espero que continuem a lutar sempre, porque a informação tem um papel muito importante para o nosso povo, no sentido de informar ao mesmo tempo que o está formando. No que diz respeito aos programas, acho alguns muito monótonos, como por exemplo o programa «Painel», que foi muito concorrido no seu começo e tinha talvez o maior número de ouvintes. Mas agora, quase não há concorrentes e o programa em si não teve inovações assim de salientar. Os programas que mais

me agradam são «Tempos Novos», muito educativo e informal; «Fala de África» que está, quanto a mim, perdendo a qualidade que tinha, talvez pelos temas que tem apresentado ultimamente; sem deixar de frisar os noticiários que estão sendo muito inovados, menos pesados e com música, além dos locutores se esforçarem no sentido de evitar «meter água» como outrora. As minhas saudações revolucionárias para os companheiros da rádio».

## Saúde e Assuntos Sociais (conclusão)

## Que assistência nos Hospitais Centrais?

Concluímos hoje a reportagem sobre a assistência médica em Cabo Verde, do nosso camarada Somar de Tanha, do «Voz di Povo». Assistência médica prestada nos hospitais, principalmente em S. Vicente e na Praia foi um tema já abordado na conferência de imprensa concedida recentemente pelo ministro cabo-verdiano de Saúde e Assuntos Sociais, camarada Manuel Faustino, que o «Nô Pintcha» já publicou.

O público, quando não é atendido como gosta, naturalmente pergunta: mas como é possível que, com o aumento de médicos e especialistas que houve depois da independência, não se tenham registado melhorias na assistência? Nem sempre encontra uma resposta plausível.

Tudo indica que existem dois aspectos distintos quando se considera o problema da assistência prestada nos hospitais: o da capacidade de resposta dessas instituições, tanto materialmente como de pessoal, problema que existe objectivamente — e o do tipo das relações mantidas entre o pessoal hospitalar e o público.

tência? O Ministro acha que na verdade, não poderá ter havido uma melhoria qualitativa dos serviços, uma vez que a quantidade tem obrigado os serviços a agirem quase sobre os joelhos, em detrimento da qualidade que seria desejável. Por outro lado, o pessoal de enfermagem trabalha actualmente em condições

em parte, os problemas que o público levanta perante a situação da procura elevada de consultas no hospital da Praia, trazendo à baila incidentes desagradáveis, o Ministro disse:

«Sim, é possível. O problema que se põe é, quais são esses meios? Em primeiro lugar se os meios existentes são utilizados da melhor maneira».

«Voltando ao problema das nossas relações com o público, o Ministro da Saúde, Manuel Faustino, afirma, para a grande parte do público, principalmente aqui na Praia, a intervenção do Ministério é no Hospital da Praia. Se o hospital funciona bem, o que na opinião das pessoas muito raramente terá acontecido, está tudo

um certo liberalismo por parte das pessoas, por exemplo, (nós estamos a tentar compilar números a esse respeito), mas temos casos de pessoas que numa semana conseguem até cinco consultas diferentes. Por conseguinte, com cinco receitas e cinco aviamentos diferentes — um desperdício. Existem casos em que as pessoas vão à consulta, são requisitadas análises e não aparecem depois para levantar os resultados, e há novo desperdício em tempo, material e pessoal».

E o Ministro Manuel Faustino continua a responder à nossa questão: «E certo, há limitações, há erros e há medidas que devem ser alteradas, estamos inteiramente de acordo. Há uma situação tal — uma procura grande de consultas que se prende a uma situação difícil, a dificuldades concretas que as pessoas têm, mas existe também um número exagerado de procuras fictícias. Pessoas que vão ao médico porque têm uma certa facilidade em ir ao médico... «estamos convencidos que mais de 50 por cento das consultas são falsas consultas». Interessa, pois, disciplinar essas consultas. Uma seria uma maior responsabilização do público — avivta o entrevistado. Isso, segundo ele, não significa que o público tivesse de pagar os cuidados médicos, mas que preenchesse uma série de requisitos, pelo menos para certos casos, quanto mais não seja dos tais falsos doentes. Nesse caso, os falsos doentes custeariam os cuidados médicos implicando que, se tivesse de repetir a acção, se «pense duas vezes». É certo que as pessoas estão acostumadas a terem cuidados médicos gratuitos e poderiam não aceitar isso de bom grado. Segundo Manuel Faustino, as pessoas que têm necessidade seriam dispensadas do pagamento, ou então dariam uma contribuição meramente simbólica. As pessoas que vão ao médico por luxo, seriam obrigadas a custear as despesas.

Contudo, é consenso no Ministério da Saúde e Assuntos Sociais que as possibilidades organizativas não estão esgotadas.



Colaboração de público é indispensável para o bom funcionamento dos hospitais

Pouca gente se importa que o hospital tenha sido construído no século passado e que as suas instalações não correspondam ao que dele é exigido. Muito pouca gente sabe que nos três últimos anos houve um aumento de consultas externas de 131 por cento e que isso, aliado a uma organização deficiente dos serviços do hospital, pode provocar as bichas para consulta, como as que se conhecem na cidade da Praia.

Abordando essa questão, o ministro Manuel Faustino pôs o acento sobre o facto desse aumento não ter sido acompanhado de aumento de pessoal, principalmente do pessoal de enfermagem «que é o sector onde temos maiores dificuldades», — afirmou. Sobre o que esse aumento desproporcional terá trazido para a qualidade da assis-

de sobrecarga, o que como nos afirma o nosso interlocutor acarreta outros problemas de ordem afectiva do próprio pessoal.

Continuando, o Ministro da Saúde declarou que por exemplo no hospital da Praia, no primeiro semestre deste ano registava-se um aumento de consultas externas da ordem de 67 por cento em relação ao ano anterior. No hospital de S. Vicente a cifra cerca de 38,5 por cento. Isto demonstra que o ritmo de aumento mantém-se (pelo menos) e põe-se o problema se será possível a essas instituições responder ao que lhes virá a ser solicitado.

#### UMA PROCURA FICTÍCIA DE CONSULTAS

Respondendo a uma interrogação sobre a possível existência de meios que possam solucionar,

bem. Se o hospital não funciona bem, está tudo mal».

«Nós tivemos a preocupação, até aqui, de pôr o acento tónico nas medidas de carácter preventivo; tivemos a preocupação de citar por exemplo a baixa de mortalidade infantil e a educação sanitária, tivemos a preocupação de citar o facto de, não obstante este ano ter chovido, não se ter registado qualquer caso de cólera. Para as pessoas isso talvez não conte, mas para nós isso é que é fundamental» — sublinhou especialmente o camarada Manuel Faustino.

Quanto aos meios existentes e sua utilização, o Ministro Manuel Faustino falou em seguida: «Existe uma facilidade grande das pessoas se dirigirem ao hospital da Praia, os acessos são extremamente facilitados; existe mesmo



AMILCAR CABRAL

## A prática revolucionária

### VII. O OITAVO ANO DA LUTA ARMADA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL (X)

#### 1. AS MANOBRAS POLITICAS DOS COLONIALISTAS PORTUGUESES

##### A GUERRA PSICO-SOCIAL

Para enganar a opinião portuguesa, os colonialistas inventaram as «visitas» de delegações de Portugal à nossa terra. Depois da propaganda feita a propósito da «visita» do ministro das Colónias que, praticamente, só se deu locou de helicóptero, liquidámos os três comandantes do Estado-Maior, demonstrando assim, que se não liquidámos o ministro é porque não tínhamos nenhum interesse nisso.

Mais recentemente, de oito deputados que tinham vindo «visitar» o que resta ainda da colónia que era o nosso país, quatro perderam a vida num helicóptero abatido, pelos nossos combatentes. Entre eles, o célebre traidor africano Jaime Pinto Bull que, apesar dos nossos conselhos, acabou por morrer na triste condição de vil servidor dos colonialistas, de inimigo do nosso povo e da África.

Ultimamente os colonialistas portugueses recorreram a outra tática para tentarem parar a nossa luta: dividir o nosso povo e levar os africanos a lutarem contra os africanos.

É uma tática velha e muito usada não pelos colonialistas mas também pelas guerras coloniais imperialistas, mas devemos denunciá-la e combatê-la energicamente, para que essa nova iniciativa criminosa do inimigo se salte por uma grande derrota.

Os colonialistas inventaram o que eles chamam os «congressos das etnias» do nosso país. O seu objectivo é o de conquistar alguns dos nossos irmãos com postos de régulos honorários, mas é sobretudo de destruir a consciência e a unidade nacional que o nosso Partido e a nossa luta criaram. Realizando os chamados «congressos das etnias» e prometendo que cada etnia terá o seu próprio chefe, os colonialistas pretendem ativar de novo os sentimentos tribais que já extinguímos, querem sabotar des agora as possibilidades de uma harmoniosa existência nacional para o nosso povo, na independência que — estão fartos de o saber — vamos com toda a certeza conquistar.

Fingindo querer dar uma autoridade política às populações que controlam ainda, através de alguns chefes, o que querem é preparar terreno para novos conflitos entre as etnias para que os balantas não se entendam com os manjacos, os fulas com os papéis, para que crie a confusão entre nós, tornando assim possível a vida da nação africana que estamos a construir.

(\*) Relatório sobre a situação da luta, Janeiro de 1971.

Falta de peixe e de carne no mercado (1)

# Só com a criação de melhores condições de frio se melhorar o abastecimento de peixe

É frequente nos países em vias de desenvolvimento e, sobretudo nos recém-libertados do regime colonial, verificar-se uma ruptura no sistema de abastecimento dos principais artigos que constituem a base de alimentação das populações. A Guiné-Bissau, como é lógico, não podia fugir à regra. Daí que, de tempos em tempos, a sua população se veja privada dos seus principais bens de consumo e, muitas vezes, mesmo os de produção local. É o que acontece quando há falta de arroz, de peixe, de carne ou de óleo no mercado, isto para citar só os de maior procura e cuja falta causa maior impacto no seio das populações.

Há quem diga que quando há falta de arroz a gente come milho ou outra coisa qualquer; que quando o óleo falta usa-se óleo de palma, e na falta de peixe come-se carne. Mas nós perguntamos: e quando faltam as duas coisas?

É precisamente essa a situação que se tem vindo a viver na capital desde o início do ano. Um ano cheio de caprichos, diga-se de passagem! Uma cidade com uma população calculada em cerca de 100 mil habitantes, com uma rede de distribuição deficiente devido, em parte, a certas práticas da própria população que não contribui para o saneamento desses males. O que vem agravar ainda mais o caso é a situação das sociedades mistas de pesca. Pois que, das três existentes, apenas uma se encontra em actividade, embora condicionada pelos problemas das instalações de frio. Das outras duas, uma a Guialp (constituída com a Argélia), ainda se encontra em fase de estruturação, portanto totalmente paralisada, e a outra a Semapesca com a França em fase de arranque, estando já as obras quase concluídas.

Paralelamente, funcionam alguns particulares, como o Paralta e os Nhomincas, embora numa dimensão menos funcional, e praticando a pesca artesanal. Contudo, circunstâncias várias entre os mais a falta de gelo para a conservação do pescado, contribuem para que o abastecimento seja deficiente.

E quem diz peixe diz carne, pois quando há falta de um aumenta a procura da outra. E como a quantidade do gado abatido raramente consegue cobrir as necessidades do momento, a situação mantém-se na mesma, ou então torna-se pior. Perante tal situação, põem-se várias questões: como suprir essas anomalias, uma vez que não está nas nos-

sas mãos a garantia de funcionamento eficiente do número, já de si reduzido, das câmaras de frio de que o país dispõe? Como garantir o abastecimento normal de carne

muito menos do interior, onde o pescado não chega, devido à falta de condições de conservação e transporte.

Quanto às epidemias, salientou a necessidade de tomar o problema a sério e de criar condições de forma a desinfetar e conservar os estábulos, no sentido de defender os animais e garantir uma criação normal no quadro do desenvolvimento da pecuária e da melhoria da alimentação do nosso povo.

vinha a verificar nos mercados da capital, e sabendo da existência de uma sociedade mista de pesca que se encontra neste momento em plena actividade — a Estrela do Mar (soviético-guineense), contactámos um dos funcionários daquela empresa, neste caso, o camarada José Lopes, adjunto do director administrativo, que nos explicou que, na altura, havia barcos no alto mar com carregamento de pescado, prontos a chegarem a Bissau assim que fossem chamados. Então, por-

cados tem que ser exportado.

Enquanto isso, a Guialp vai tentando reparar as suas câmaras para poder dispensar uma melhor assistência não só aos barcos da «Estrela do Mar», como também da própria empresa, que devem retomar as actividades ainda este ano, depois de reparadas as nove unidades que constituem a sua frota. Assim, existe já um contrato com uma empresa portuguesa com vista à montagem completa de uma nova instalação, desde

a entrada em funcionamento de duas com capacidade de 310 metros cúbicos valente aproximadamente a 110 toneladas a juntar às três câmaras que se encontram em funcionamento em menos de um cento da sua capacidade resolveria, pelo menos a curto prazo, o problema do frio.

Referindo-se a este aspecto do abastecimento ao público, o camarada Mário Fernandes afirmou que existe um contrato com a empresa «Estrela do Mar» para a armazenagem do pescado e que a empresa não aceita toda e qualquer quantidade quando se verificam deteriorações no pescado nas câmaras, como aliás já se verificou (o último caso foi em Agosto). Contudo, sublinhou que o consumo de pescado por pessoa é de volta de 8 a 10 quilogramas, e com as três câmaras a funcionar (uma a temperatura de cerca de 30 graus abaixo do zero e as restantes duas a temperatura de 40 graus) a utilização do sistema rotativo, haverá a possibilidade de abastecer a população de maior quantidade de peixe.



Um aspecto da bicha para a compra do peixe no mercado de Bandim. Organizar e disciplinar as bichas é uma tarefa que se aponta às nossas autoridades e na qual as populações devem colaborar

às populações, se o nosso Estado ainda não dispõe das infraestruturas indispensáveis para o saneamento do meio e imunização dos animais de abate, que frequentemente são atacados por várias doenças e morrem em quantidades assustadoras?

Tudo isso são problemas para os quais as entidades responsáveis terão que encontrar solução, debruçando-se seriamente sobre eles. Aliás, o próprio camarada Presidente Luís Cabral, no seu discurso pronunciado aquando da reunião da Assembleia Nacional Popular, ao falar da necessidade de diversificação alimentar, referir-se-ia ao papel da Pecuária na criação de aves e de animais de abate, como bois e porcos, entre outros, uma vez que as nossas companhias de pesca ainda não actuam de forma a garantir o abastecimento regular às populações da capital, e

## PORQUE FALTA PEIXE NO MERCADO?

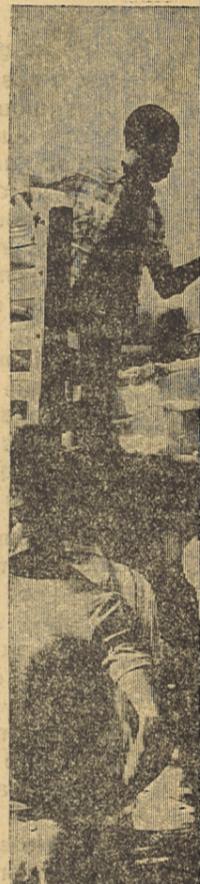
«Em relação ao aspecto da falta de peixe, em princípio não se deve à Sofrigo, pois existem três câmaras disponíveis, com capacidade para 60-70 toneladas e que embora não trabalhem a 100 por cento, poderão ao menos garantir a conservação do pescado. Aliás, com estas três câmaras a funcionar, embora com um rendimento bastante reduzido, em Novembro passado, e utilizando o sistema rotativo, armazenámos cerca de 270 toneladas de pescado». Estas palavras, do director da Divisão de Frio da Sociedade Mista de Pescas Guineense-Argelina «Guialp», sr. Mário Fernandes causaram uma certa estranheza ao nosso repórter. Porquê? Perguntará de certo o leitor. Mas nós explicamos.

É que, na sequência da falta de peixe que se

estão à espera, perguntámos, uma vez que há falta de peixe no mercado? Devido à falta de frio, respondeu-nos pois a Sofrigo (propriedade da Guialp) tem as câmaras avariadas e não garante a conservação do pescado. Tal facto viria a ser confirmado mais tarde pelo camarada Perrichom, chefe da secretaria, da «Estrela do Mar» que explicou que, ainda há tempos, a companhia teve que deitar fora grande quantidade de peixe que se estragou, devido às deficiências das câmaras de frio. Embora exista um projecto de montagem de câmaras frigoríficas, a empresa continua ainda a utilizar as instalações da Guialp, até poder contar com as próprias, o que não deve ser para breve, limitando deste modo as possibilidades da empresa em abastecer o público. Face a esta situação, grande parte do pescado que deveria ser distribuído nos nossos mer-

os compressores, passando por toda a instalação eléctrica e restantes motores, o que virá garantir o funcionamento de todas as câmaras com temperaturas na ordem de 30 graus negativos, além de um túnel de congelação para 40 a 45 graus negativos.

«Certamente que, depois de tudo isto montado e atendendo a que se trata de uma instalação nova, de equipamento moderno, ficarão assim resolvidos todos os problemas do frio», afirmou aquele técnico português que acrescenta que, no entanto, toda a transformação a que se vai proceder irá levar ainda alguns meses, pois que o material ainda não chegou a Bissau. A direcção da Guialp, prevendo já esses contratemplos na montagem da dita instalação, e para que se possa diminuir, dentro de mais curto espaço de tempo, as carências que o país está a sentir, tomou as medidas para acelerar



Nem todo o peixe chega às populações. Torna-se necessário acelerar a produção e a distribuição

# Namíbia: uma independência inevitável

Pela segunda vez no espaço de cinco meses, um enviado especial das Nações Unidas avista-se na Namíbia com os representantes das forças de ocupação sul-africana. A África do Sul não tem nenhum direito sobre a Namíbia. As prerrogativas que ela exerce foram usurpadas não só ao povo namibiano como também à ONU. Neste artigo falamos desse povo que lutou contra a dominação alemã, luta contra a ocupação racista sul-africana e que não duvida nem um só momento de que a vitória é certa.

Há quase 60 anos, a Namíbia tem sido administrada pela África do Sul como a sua «quinta província». Foi necessária uma longa luta em várias frentes — resistência popular no interior, guerrilha a partir do norte e iniciativas internacionais — para que Pretória abandonasse os seus projectos de administração directa da Namíbia e se resi-



Herman Ja Toivo, co-fundador da Swapo, preso desde 1968 na ilha de Robben

gnasse a aceitar comprometer-se a reconhecer a independência. Mas uma independência fictícia. A África do Sul procurou excluir de todo o acordo o único movimento nacionalista do território, a SWAPO (Organização do Povo do Sudoeste Africano), apesar do reconhecimento internacional de que este dispõe, até nas Nações Unidas.

Contudo, desde 1975, a África Austral vive sob o signo da libertação. A situação é favorável à SWAPO e à luta armada, e as perspectivas são muito sombrias para os racistas de Pretória. Por outro lado, as discussões iniciadas em Abril de 1977 pelos países ocidentais (Estados Unidos, França, RFA, Canadá e Grã-Bretanha) com o regime de Pretória encontram-se em ponto morto. O objectivo era chegar a uma solução do tipo neo-colonial, que preservasse tanto os interesses das sociedades multinacionais que exploram as riquezas da Namíbia como os dos racistas da África do Sul. Estas manobras são rejeitadas pela SWAPO, cujo objectivo é mais do que nunca e expresso o lema «Namíbia, uma pátria, uma nação» e que, por este motivo, se declara disposta a intensificar a luta armada.

## NO 16.º LUGAR

Imenso espaço de areia, de savanas e de rochas, flanqueado na costa sul do Atlântico, a Namíbia tem 821.100 quilómetros quadrados de extensão, e vastas zonas desérticas: o Namib, ao longo da costa, e o Kalaari, no interior, na zona oriental. Entre os dois desertos, o planalto central tem uma vegetação mais densa, nas terras mais férteis. Alguns rios permanentes: o Cunene e o Okavango, no norte, e o Orange no sul. Um país rude, árido (apenas 40 milímetros de chuva por ano nas melhores regiões), mas variado, naturalmente propício à pecuária extensiva (cria-se nomeadamente o carneiro caracul, à razão de uma cabeça por quatro hectares de pasto seco), de culturas sem chuva. Tem imensas possibilidades para o desenvolvimento de uma agricultura nacional, moderna e diversificada.

Este vasto território possui contornos nitidamente traçados a oeste, o Oceano Atlântico, ao norte e ao sul, os rios

Cunene, Okavango e Orange, constituindo este uma fronteira quase rectilínea que separa o território namibiano da África do Sul e do Botswana — com excepção de um pequeno corredor de uma largura que não excede 32 quilómetros, que penetra profundamente entre Angola e o Botswana para atingir o rio Zambeze.

O interesse estratégico deste país para a África do Sul é evidente. Serve de muralha, ao norte, à fortaleza branca que ali estabeleceu grandes bases militares e aéreas, nomeadamente na banda de Caprivi (corredor nordeste) que constitui um conjunto de linhas setentrionais de defesa e de agressão da África do Sul juntamente com a base de Katima Mulilo, e que é também alvo de numerosos ataques da SWAPO.

Um milhão de africanos povoam o país (segundo a avaliação feita pela África do Sul, mas os namibianos afirmam que esta população foi sub-avaliada a fim de que o território aparente menos importância do que tem). O território foi dividido em duas zonas administrativas. A «zona da polícia» que é a região onde se estabeleceram os colonos europeus (80 mil pessoas, 60 por cento «afrikaners» originários da África do Sul, 30 por cento alemães, e o resto anglofones) e que inclui peque-

primeiros lugares nos metais comuns, como o cobre, o chumbo, o zinco, o estanho e o cádmio. É rica em minério de ferro, em manganésio, estanho, tungsténio, prata, bismuto, berílio... A mina de Rossing, perto de Swakopmund contém um dos mais importantes jazigos de urânio do planeta, cuja exploração começou em 1976.

Enquanto a África do Sul tem uma necessidade urgente de petróleo, a prospecção é feita no território namibiano e ao largo do litoral, com sérios índices de lençóis exploráveis. Quer se trate de prospecção ou de extracção, são as poderosas sociedades multinacionais que operam: sul-africanas, mas também americanas, britânicas, alemãs, francesas e canadianas...

## «A QUINTA PROVÍNCIA»

Na economia namibiana, os capitais estrangeiros não têm apenas um papel económico, mas também repercussões políticas e estratégicas. Dão, particularmente à África do Sul, um apoio financeiro e político para proteger os seus próprios investimentos. Os capitais ocidentais ajudaram-na a perpetuar a sua ocupação ilegal do território e a continuar a exploração dos recursos no seu próprio interesse.

Naturalmente, a África do Sul apropria-se em cada ano,



SWAPO: a luta continua, a vitória é certa

nas reservas africanas dispersas; ela cobre dois terços de todo o território e é lá que se encontram as principais cidades (Windhoek, Walvisbay), indústrias e explorações mineiras. A região do norte, que compreende as reservas onde vive mais de metade da população africana, e que Pretória «bantustanizou», dividida em territórios tribais autónomos.

País muito tempo ignorado, esquecido pela opinião internacional, mas não pelas grandes sociedades capitalistas, que se precipitaram, a seguir à segunda guerra mundial e no decorrer dos anos 60, sobre a Namíbia. O subsolo oculta riquezas consideráveis, e quando a exploração destas riquezas começou, a Namíbia passou a figurar, em 1972, no 16.º lugar dos países da esfera capitalista.

Não contando com os países socialistas, a Namíbia é o segundo produtor mundial de diamante (depois da África do Sul), o segundo produtor de lítio (depois do Zimbábue) e de vanádio (depois dos Estados Unidos). Ela ocupa os

exclusivamente brancos, criam gado e carneiros, destinados essencialmente à exportação para a África do Sul e outros países.

É notório que o sistema do «apartheid» na Namíbia criou uma reserva de mão-de-obra africana barata, onde os empregados brancos se vão abastecer. Sob o regime de «apartheid», mais de metade da população africana é confinada nas reservas empobrecidas, ou «homelands». O restante, necessário à marcha da economia inteiramente na mão dos brancos, vive em «bairros» separados ou em campos que se encontram a alguns quilómetros das cidades brancas e dos centros de exploração mineiras. A fim de encorajar os investimentos na Namíbia, a África do Sul manteve sempre os salários dos operários africanos a um nível extremamente baixo. O rendimento médio dos empregados africanos não ultrapassa dez por cento da remuneração dos brancos. Por este motivo, segundo estimativas da ONU, somas que representam no total metade da produção interna bruta da Namíbia são expatriadas cada ano sob forma de benefícios e de dividendos atribuídos aos accionistas das sociedades estrangeiras, essencialmente da África do Sul, da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos.

## UMA VIRAGEM DECISIVA: A VITÓRIA DO MPLA

No entanto, foi preciso esperar até 1975, ano da vitória do MPLA em Angola, para que a Namíbia surja no cenário da actualidade internacional. O território namibiano que serviu de base de agressão dos racistas de Pretória na sua tentativa de matar no ovo a independência angolana. Foi neste país que, a partir de 1975, se concentraram as suas forças de invasão. Franqueando a fronteira angolana desde que a bandeira do MPLA foi içada em Luanda, lançaram as suas unidades para a frente, penetrando para o norte, numa extensão de mais de mil quilómetros.

O objectivo era destruir o MPLA, sufocar as aspirações nacionais e populares da nação angolana, e instalar em Luanda um regime neo-colonial favorável às suas ambições, dirigido por lacaios do colonialismo português e do imperialismo, como Savimbi, da UNITA, e Holden Roberto, da FNLA. Mas a operação falhou. Os dois movimentos fanatizados fracassaram. A derrota que os racistas sofreram reveste-se de uma importância capital para a Namíbia, assim como para toda a África Austral.

O mito da invencibilidade sul-africana foi destruído. É um novo despertar dos nacionalistas sul-africanos e namibianos. As lutas patrióticas contra a opressão racial e social, contra o odioso sistema do «apartheid», conhecem um vigor redobrado. Os nacionalistas do Zimbábue reforçam a sua unidade, sob a direcção da Frente Patriótica, contra o regime vacilante de Ian Smith. Mesmo na África do Sul, a resistência aumentou, culminando em Junho de 1977 por uma verdadeira sublevação popular que partiu dos bairros negros de Soweto, alargando-se a todo o país. Para o Povo da Namíbia, as consequências não foram menores.

Se «alguns» pensaram poder especular sobre as divisões no seio da SWAPO, durante o conflito angolano, este movimento não demorou a reconhecer o MPLA como o «auténtico representante da nação angolana», o «único aliado angolano do povo namibiano».

A SWAPO, que abriu oficialmente uma representação em Luanda, dispõe de uma sólida base de retaguarda na República Popular de Angola. O exército sul-africano revela-se incapaz de controlar totalmente os 1600 quilómetros de fronteira que separam Angola da Namíbia, apesar da instalação de bases militares como a de Katima Mulilo. As actividades de guerrilha intensificaram-se. O protesto popular nas cidades, e mesmo nas reservas, aumentou. A convicção de que a vitória é certa, que ela está próxima, está doravante profundamente enraizada no seio das massas africanas.

A aventura angolana das tropas de Vorster terá tido um outro efeito, não menos importante. Ela revelou a verdadeira natureza da presença sul-africana na Namíbia. Ela não constitui apenas uma ocupação colonial brutal, intolérável, anacrónica. Ela representa também um desafio claro, arrogante, deliberado, à comunidade internacional.

## UM DESAFIO À COMUNIDADE INTERNACIONAL

A África do Sul não tem nenhum direito sobre a Namíbia. As prerrogativas que ela exerce foram usurpadas não só ao povo da Namíbia, mas também à ONU. Esta dimensão internacional da luta de libertação dos patriotas namibianos não é um aspecto secundário deste candente problema, porque coloca toda a comunidade internacional perante as suas responsabilidades.

A Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1966, e o Tribunal Internacional de Haia em 1971, proclamaram ilegal a ocupação sul-africana da Namíbia. Um novo ultimato foi lançado pela ONU a Pretória em Agosto de 1976, para que o «governo sul-africano retire a sua administração e realize eleições livres, democráticas, controladas internacionalmente, com vista à independência. A resposta da África do Sul foi a intensificação da repressão. Mas os golpes violentos, infligidos pela guerrilha, mais as pressões exercidas à escala internacional, com bases jurídicas reconhecidas, fizeram o regime de Pretória ceder — mas à sua maneira.

Ignorando as resoluções da ONU, a África do Sul realizou em Dezembro último, «eleições» na Namíbia sem o controlo internacional. O povo namibiano, que boicotou massivamente essa farsa, foi barbaramente reprimido, enquanto lacaios dos racistas sul-africanos forçavam as populações a votar. Vários militantes da ala interna da SWAPO foram presos na altura.

Vendo nisso uma manobra dos ocupantes para perpetuar por outras formas a dominação da Namíbia, a SWAPO intensificou a luta armada. No interior, os trabalhadores, particularmente os mineiros continuam a reivindicar, com greves nomeadamente, o aumento de salários, a melhoria do nível de vida e o fim da discriminação racial.

## A RESISTÊNCIA VEM DE LONGE

A resistência do povo da Namíbia vem de longe. Ela inspira-se nas primeiras sublevações contra o ocupante alemão e depois sul-africano. No início, foram as estruturas tribais (antes de terem sido desmembradas e substituídas por outras, mais dóceis ao sistema do «apartheid») que catalizaram o movimento de resistência à espoliação das terras

(Continua na pág. 6)

## possível

### «BIDEIRAS»: PRINCIPAIS AGENTES DE ESPECULAÇÃO

Uma das principais dificuldades encontradas pelas entidades responsáveis pelos mercados, é sem dúvida, a das revendedeiras, mais conhecidas por «bideiras». São elas as mulheres que passam o dia junto aos balcões do mercado à espera da mínima oportunidade para comprar grande quantidade de peixe que guardam para depois vender a um preço especulativo, quer dentro do mercado, quer lá fora, nos bairros da capital. Ou então, amontoam-se muito cedo à beira do cais do Pindjiguiti, à espera que os nhomincas (etnia que pratica pesca artesanal no alto mar, em fracas canoas motorizadas), lhe vendam o pescado. Muitas vezes é às próprias câmaras que o vão buscar, à base de cunhas e «djudam-djudau».

Se é certo que as «bideiras», em certa altura contribuíram para a distribuição do pescado às populações do interior, onde as companhias de pesca não chegam devido à falta de condições de conservação e de transporte do pescado, não é menos certo que são as

(Continua na pág. 6)



em Bissau é consumido pelas... criar condições de conservação do pescado

## Falta de peixe e de carne no mercado

(Continuação das centrais)

principais fomentadoras da especulação que se verifica no mercado. É o próprio responsável pelo mercado principal quem nos conta das artimanhas que elas utilizam na comercialização do peixe.

A princípio, adquiriam este nos nhomincas ou no Paralta ao preço de 20 pesos para a 1.ª qualidade e 11 para a 2.ª. Mas, ao vendê-lo ao público, primeiro fazem tudo para evitar o uso da balança, vendendo portanto três peixes de 1.ª por 25 ou 30 pesos ou a mesma quantidade de peixe de 2.ª por 15 pesos, ou mais. Embora haja muitas para isso que vão de 150 a 500 pesos, esta última em caso de reincidência, essa prática ainda se mantém. Uma das

medidas tomadas pelo Comité de Estado, foi convocar uma reunião com os nhomincas, que ultimamente limitavam a venda do peixe no mercado de Bandim, através de mulheres por eles contratadas. Nessa reunião foi decidida retomar a venda nos restantes mercados e praticar o preço estabelecido na tabela. No entanto, deixaram de dar peixe às mulheres para vender, passando eles mesmo a fazer a sua comercialização. Anteriormente, davam, por exemplo, um caixote de peixe a uma revendedeira. Cada caixote leva cerca de 60 Kg. que, multiplicado por 11 (preço de peixe de segunda), rende à volta de 600 ou 700 pesos. Como ela sabe que no fim terá que tirar o seu lucro, então prefere vender o

peixe aos montes, ou melhor a olho e, como atrás dissemos, três peixes de 2.ª são vendidos às vezes por 20 pesos. Foi-lhes explicado este inconveniente, passando desde então a vender eles mesmo o seu pescado.

Por seu lado, Paralta também pratica a comercialização do peixe no mercado principal. Só que, com a avaria das fábricas de gelo, a sua capacidade de venda foi reduzida, o mesmo acontecendo aos nhomincas, que também utilizam o gelo para conservar o pescado.

### OS PREÇOS E A ESPECULAÇÃO

O preço do pescado no mercado nacional, está dividido em dois escalões: um para as empresas estatais, neste caso a Es-

trela do Mar, a única que se encontra neste momento em actividade, e outro para os particulares — o Paralta e os nhomincas. Assim, pelas empresas estatais, o pescado de 1.ª é vendido por 15 pesos, e o de 2.ª 8, e pelos particulares a 20 e 11 pesos, respectivamente. Os primeiros pagam 1,5 pesos de taxa de arrobação por quilo, por utilização dos balcões do mercado e os segundo um peso.

Como peixe de 1.ª temos a senapa, o barbo, o linguado, a corvina, a bicuda, o atum, a tainha fidalga, a bica, o cor-cor e o peixe agulha. Na categoria de 2.ª temos a tainha, o cacandjá, o djotó, a bentana, o bagre, o djafal, entre outros. Das espécies apontadas no primeiro caso, muitas desapareceram ultimamente

dos balcões dos mercados da capital. São eles a senapa, a bicuda, o atum. Perguntámos ao responsável pelo mercado principal qual a razão, mas ele também diz desconhecer-lá pois — que se limitam a vender o peixe que lhes fornecem. «Quando não há peixe, como está acontecendo nestes dias, explica o entrevistado, o público interroga o porquê e nós muitas vezes ficamos sem saber o que responder, pois não somos informados».

Como no caso da carne, também existem muitos comentários a propósito da venda do peixe. Mas, segundo o camarada Brígido de Barros, responsável pelo mercado principal, o público não colabora com as entidades responsáveis na manutenção e fiscalização dos mercados. Muitas vezes, explica ele, descobre-se uma revendedeira com peixe açambarcado e enquanto os fiscais agem, pessoas há que tentam comprar o produto a um preço especulativo, só para não terem que voltar para casa sem «mafé». Há até pessoas que já se conhecem e que passam as mercadorias sem serem vistas pelos fiscais, mas que depois vão comentar lá fora. Entretanto,

quando se lhes pede para identificarem a pessoa perante o fiscal recusam-se, dizendo que não vale a pena e que não é por cinco pesos que vão criar problemas a tal fulano.

«Perante tal situação, lamenta o camarada Brígido de Barros, o que é que nós podemos fazer se a população não colabora com as autoridades responsáveis e se são eles próprios quem fomenta a especulação?» Na sequência das críticas dirigidas ao Comité de Estado da Cidade de Bissau sobre a prática dos preços, o nosso entrevistado referiu-se a uma carta recentemente publicada no nosso jornal sobre o preço de venda de baguitche no mercado. Segundo o responsável do mercado, o produto é vendido ao preço de 10 pesos o quilo e não quatro. Trata-se, explicou o camarada Barros, de uma das situações que se podiam evitar, desde que as pessoas se dirijam às entidades responsáveis a fim de se informarem melhor «pois assim até podemos, através delas, detectar uma série de anomalias que nos escapam, e para as quais contamos com o público, visto que a sua colaboração neste aspecto é válida e indispensável».

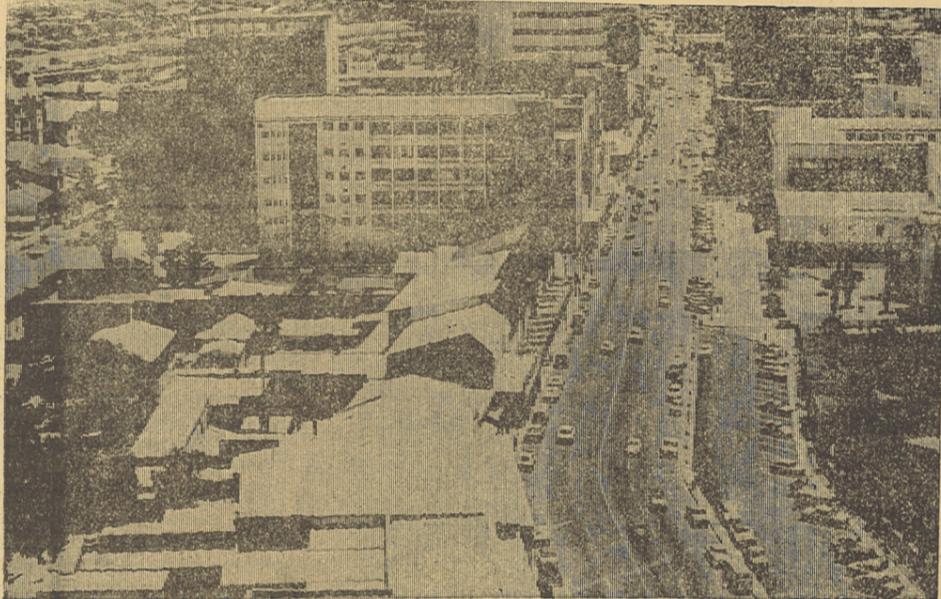
## Namíbia: uma independência inevitável

(Continuação das Centrais)

à religião cristã que destruiu as instituições africanas e à discriminação económica e racial. Mas o poderoso bloco dos países afro-asiáticos nas Nações Unidas e a tomada de consciência de uma entidade africana coerente incitarão os namibianos a procurar novos métodos de luta política.

Os movimentos locais que se criaram no final dos anos 50 aliar-se-ão rapidamente aos partidos nacionais. O trabalho de organização preparatória era feito fora da Namíbia por operários emigrados na Cidade do Cabo (África do Sul), em contacto com o movimento nacional sul-africano, o ANC. Foi na Cidade do Cabo, entre os trabalhadores emigrados da Namíbia que foi formado, em 1958, sob o impulso de Tivo Hermann Ja Toivo e de Sam Nujoma, a «Organização do Povo de Ovamboland» (OPO). A grande maioria dos trabalhadores namibianos que iam trabalhar com um contrato de um ano para os brancos da Namíbia ou da África do Sul eram, com efeito, originários da região mais povoada do norte, o Ovamboland. Na Cidade do Cabo, e mais tarde em Windhoek, a OPO começa a organizar a luta, dos trabalhadores contra o sistema do trabalho contratado, idêntico à escravidão. Mas, em pouco tempo, Toivo Ja Toivo e Sam Nujoma decidem alargar a luta para torná-la nacional e combater a ocupação sul-africana no seu conjunto.

É assim que a SWAPO é criada em 1960. Apesar da intensa repressão policial, o movimento nacional desenvolve-se muito. Em 1963, a SWAPO vê-se reconhecida pela Organização da Unidade Africana (OUA). Desde esta data, os seus dirigentes convenceram-se da inevitabilidade do confronto armado. O movimento desenvolve desde então a sua acção em três frentes: no plano diplomático, acção política junto dos países estrangeiros e das organizações internacionais; a mobilização política das massas africanas e a sua movimentação em formas legais ou semi-legais e a preparação da



Katutura, segunda cidade da Namíbia: um sistema de «apartheid» tão bárbaro como na África do Sul

luta armada. Numerosos militantes são obrigados a deixar o país. Uns recebem formação na Tanzânia e em Angola; outros reforçam as posições internacionais da luta nacional do povo da Namíbia. Em 1966, depois que o Tribunal Internacional de Haia recusou estatuir sobre a questão, a SWAPO faz saber que não esperaria mais as deliberações da comunidade internacional.

Decidiu criar o Exército de Libertação do Povo da Namíbia (PLAN). No dia 18 de Julho do mesmo ano, as primeiras operações de guerrilha são desencadeadas, nomeadamente na banda de Caprivi, nas regiões de Ovamboland e de Okavango. A polícia reage pelo terror, mas Pretória nunca proibiu a SWAPO. A administração sul-africana limitou-se a reprimir sistematicamente os militantes e a travar ao máximo as actividades da organização. Em 1967, Vorster mandou prender 37 dirigentes da SWAPO, entre eles Ja Toivo, que se encontram ainda hoje presos na ilha de Robben. A última declaração feita por Ja Toivo perante o tribunal demonstra de maneira notável a vontade de autodeterminação do seu po-

vo: «Nós somos namibianos e não sul-africanos. Não vos reconhecemos e nunca vos reconheceremos o direito de nos governar... Nós sempre considerámos a África do Sul um intruso na nossa terra».

Desde a sua fundação, há quase 19 anos, a SWAPO não deixou de se reforçar, e hoje é, mais do que nunca, a maior garantia que o povo namibiano tem, na sua luta pela recuperação da sua independência e dos direitos nacionais.

### APROXIMA-SE A HORA DA LIBERTAÇÃO

Hoje, a Namíbia vive sob o estado de sítio. Mais de 50 mil militares sul-africanos e mercenários quadrilham o país. Poderosas bases foram fortificadas, em Rentu, em Onunu, em Onodonowa, em Genhana, em Katima Mulilo e em Groenfontein. Embora não tenha atingido a mesma dimensão que a do Zimbábue, a guerrilha nacionalista da Namíbia colocou em pé de guerra todo o exército de ocupação sul-africano. Toda a região norte da Namíbia foi

declarada «zona operacional» e proibido o acesso a ela: um

«no man's land» (terra de ninguém) foi estabelecido entre a Namíbia e Angola. As populações africanas são concentradas em campos de reagrupamento. Nas cidades, a polícia metralha os manifestantes, enquanto a população branca anda armada e as quintas se transformam em campos fortificados. Alguns começam a deixar o país. Outros liquidam os seus negócios a fim de poderem partir rapidamente. Para todos, o futuro é incerto. Duvidam das soluções projectadas pelos senhores do «apartheid» e seus aliados, sobretudo agora que a África do Sul, esta fortaleza branca, é cada vez mais abalada pelas revoltas em que a juventude negra se lança de peito descoberto e com uma consciência cada vez mais nítida de conduzir um combate libertador.

Neste contexto, nenhum massacre, nenhuma repressão ou manobra poderá impedir a independência da Namíbia, como já aconteceu noutras partes do nosso continente.

### Nô Pintcha

Trisemanário do Commissariado de Informação e Turismo — Sai às terças, quintas e sábados.  
Serviço Informativo das Agências: AFP, APS, TASS, ANOP, Prensa Latina, APN e Nova China.  
Redacção, Administração e Oficinas — Avenida do Brasil — Telef.: Redacção 3713/3728 — Administração e Publicidade, 3726.  
Assinatura — (Via Aérea) Guiné-Bissau e Cabo Verde:  
Um ano ..... 700,00 P.G.  
Seis meses ..... 450,00 P.G.  
Assinatura (Via Aérea) África, Europa e América:  
Seis meses ..... 550,00 P.G.  
Caixa Postal, 154 — BISSAU-GUINÉ-BISSAU

### Telefones

Bombeiros Voluntários — 2222.  
POLÍCIA; 1.ª Esquadra 3888 — 2.ª Esquadra — 3444.

### Farmacias

HOJE — «Farmácia Higiene» — Rua António N'Baná, telefone 2520.

AMANHÃ — «Central Farmedi N.º 1» — Rua Guerra Mendes, telefone 2460.

### Cinema

MATINÉ — «Aventura na Cidade» — às 16,30 horas (M/13 anos).

SOIRÉE — «O Relojoeiro» — às 20,45 horas (M/13 anos).

## ONU

## Recomeçaram os trabalhos da Assembleia Geral

NOVA-YORK — A 33.ª sessão da Assembleia Geral da ONU, recomeçou os seus trabalhos na segunda-feira. Entre os primeiros pontos da ordem do dia que estão por discutir, figuram nomeadamente, os projectos de resolução que condenam a política do «apartheid», praticada pelos racistas sul-africanos.

Estes textos convidam a assembleia a confirmar a legitimidade da luta armada do povo oprimido da África Austral pela abolição do «apartheid» e o exercício do seu direito à autodeterminação. Os projectos de resolução em questão sublinham que toda a colaboração com as organizações do regime racista é um acto hostil, contrário aos princípios e aos objectivos das Nações Unidas. (Tass)

## Chile



## A infância infeliz

HAVANA — Entre as violações flagrantes dos direitos humanos de que é culpada a junta militar chilena, a privação das crianças de uma infância feliz é incontestavelmente a mais repugnante.

Um comentário difundido ontem pela agência Prensa Latina, indica que no início de 1979, Ano Internacional da Criança, cerca de 600 mil crianças mendigam pelas ruas chilenas. Os seus pais estão desempregados, apodrecem nas cadeias ou foram dados como «desaparecidos».

Quarenta e três por cento das crianças chilenas sofrem de subalimentação e não frequentam escolas.

As leis em vigor neste país latino-americano, desde o golpe de estado sangrento de 1973, autorizam a exploração em grande escala do trabalho de crianças e adolescentes. Segundo as estatísticas oficiais, mais de dez por cento da mão-de-obra no Chile é constituída por adolescentes de 12 a 19 anos de idade. O novo código de trabalho elaborado pela junta de Pinochet permite aos empresários pagar aos operários menores um salário que constitui apenas a metade do salário mínimo de um operário adulto. (Tass)

## Descolonização

## Comité de libertação pediu o reforço da unidade dos movimentos em luta

DAR-ES-SALAM — Questões relativas à luta pela supressão dos últimos focos do colonialismo em África, particularmente no sul do continente, assim como na ilha da Reunião, são os principais pontos da ordem do dia da 32.ª sessão do Comité de Libertação da OUA que decorre desde segunda-feira na capital tanzaniana, na presença do secretário-geral da organização, Edem Kodjo.

A «África não pode coexistir com o colonialismo, o «apartheid» e o racismo, e nunca o fará» — declarou na inauguração da sessão plenária Pius Nsekwa, secretário executivo nacional do Partido Revolucionário da Tanzânia.

A atenção dos delegados dos países africanos independentes e dos movimentos de libertação centrou-se sobre a situação na África Austral, onde os povos lançam assaltos vigorosos contra os regimes coloniais e racistas. Os oradores solidarizaram-se com a Frente Patriótica do Zimbábue, com a SWAPO, da Namíbia, e com os patriotas da África do Sul.

Os delegados felicitaram-se, por outro lado, pelos êxitos alcançados pelos combatentes da liberdade no sul do continente, tendo lançado também um apelo para um apoio mais enérgico à sua justa causa, e condenado ao mesmo tempo as manobras das forças imperialistas que procuram retardar por todos

os meios a derrota dos regimes condenados pela própria História.

«As propostas anglo-americanas relativas ao problema rodesiano não passam de palavras vazias, como já supúnhamos» — afirmou Nicholas Kuhanga, ministro da Educação da Tanzânia. «Os países ocidentais apoiam o regime ilegal de Smith, dão-lhe ajuda económica e militar e participam directamente na repressão do movimento do povo pela liberdade e independência», disse o delegado tanzaniano.

«Pelo menos 13 mil mercenários recrutados na África do Sul, nos Estados Unidos, em Portugal, na França, na RFA, no Chile e em Israel, estão hoje ao serviço do regime

sanguinário de Salisbúria», disse Kuhanga.

Por seu lado, o secretário-geral da OUA, Edem Kodjo, salientou que os regimes da África do Sul e da Rodésia cometem vários actos de agressão contra Angola, Zâmbia e Moçambique, pelo que representam uma ameaça permanente para os países africanos independentes.

## A ILHA DA REUNIÃO

Ontem, o Comité de Libertação recomendou às duas alas da Frente Patriótica do Zimbábue para consolidarem a sua unidade e pediu aos dois movimentos de libertação da África do Sul reconhecidos pela OUA, o Congresso Nacional Africano (ANC) e Congresso Panafricano (PAC), para formarem também uma frente unida.

A 32.ª sessão decidiu lançar um apelo aos governos cujos cidadãos combatem na Rodésia como mercenários para que impeçam o recruta-

mento. O comité adoptou também os relatórios do secretário executivo Hashim Mbita, das comissões da defesa e política, e prossegue o estudo da comissão das finanças.

«A ilha francesa da Reunião é um dos territórios coloniais que devem ser descolonizados e é um dever da OUA encorajar a criação de um movimento de libertação num território onde não existe», declarou o secretário executivo do Chama Cha Mapinduzi. Por seu lado, o ministro da Educação da Tanzânia afirmou que a Reunião é parte integrante da África, assim como as Canárias, e que compete à OUA buscar uma solução para que este território aceda à independência.

O Comité de Libertação decidiu ouvir, a delegação da Organização Comunista Marxista-Leninista da Reunião (OCMLR) que reclama a independência dessa ilha situada no oceano Índico. (Tass,FP)

## Alargado para 301 o número de membros do parlamento palestino

DAMASCO — «A paz no Próximo Oriente está indissolúvelmente ligada ao exercício dos direitos legítimos do povo árabe da Palestina, em primeiro lugar o seu direito à autodeterminação e à formação do seu Estado independente» — declarou Hafez Assad, presidente da Síria, que discursou na 14.ª sessão do Conselho Nacional da Palestina, que teve início na segunda-feira, em Damasco.

Hafez Assad criticou a política egípcia que encoraja Tel Aviv a fortalecer-se nas terras ocupadas dos palestinos para dispôr de colónias de povoamento.

Entretanto, o alargamento do Conselho Nacional palestino (CNP) foi o facto mais saliente no primeiro dia dos trabalhos. Os deputados pales-

tinianos que eram 293, passaram a 301. Monsenhor Hilarion Capucci, que tinha sido detido durante vários anos nas prisões israelitas e libertado no ano passado, foi nomeado membro de honra do CNP por unanimidade.

## SUL DO LÍBANO

As forças da ONU e os patriotas libaneses e palestinos encontram-se em estado de alarme desde o ataque de tanques israelitas contra o Sul do Líbano. Por outro lado, navios de guerra e helicópteros israelitas tentaram antontem à noite aproximar-se dos campos palestinos nos arredores de Tiro.

As forças progressistas fizeram fracassar, na madrugada

de terça-feira, a tentativa de desembarque israelita por mar, num ponto situado ao sul da cidade de Tiro, declarou uma fonte palestina.

Na retirada, precisou a mesma fonte, as forças israelitas dinamitaram uma velha casa abandonada. Abundantes traços de sangue foram encontrados no local, o que prova que os agressores sofreram perdas humanas.

Dois dias antes do termo do mandato das forças das Nações Unidas no Líbano, um novo perigo de agressão israelita acaba de ensombrar o horizonte. Embora se creia que o actual mandato — o segundo — das forças da ONU será prolongado, a população civil abandona massivamente o Sul. (Tass, F.P.)

## Recomendada a utilização da energia solar em Africa

NIAMEY — A energia solar pode melhorar as condições de existência das populações rurais e desempenhar um papel importante nos domínios da bombagem e aquecimento de água, utilização de fornos e fogões solares, produção de electricidade e alimentação das redes de telecomunicações com energia — constatou o relatório final adoptado no sábado passado pelo primeiro seminário regional sobre a energia solar, organizado em Niamey (Niger) pela Comissão Económica da ONU para África (CEA).

Todas as recomendações

adoptadas sublinham a importância desta fonte de energia para o continente.

Os participantes salientaram também o interesse que tem para a África criar uma tecnologia apropriada a partir de recursos africanos, e a necessidade de realizar uma transferência de tecnologias que respondam às necessidades e às condições locais.

Recomendaram aos responsáveis africanos a preparação de informação e vulgarização nos seus países sobre a possibilidade que tem a utilização das fontes de energia renováveis, a promoção de formação

científica e técnica, e o ensino da utilização da energia solar a todos os níveis.

Propuseram também a criação de estruturas permanentes para a cooperação e a coordenação de esforços ao nível africano: um centro africano de energia solar e uma sociedade africana de energia solar que agrupe cientistas, engenheiros e técnicos africanos que trabalham neste domínio. Quinze países africanos e representantes de organizações internacionais participaram neste seminário que começou os seus trabalhos a 7 do corrente. (FP)

CONGRESSO DO FLN  
A 27 DE JANEIRO

ARGEL 16 — Rabah Bitat, presidente interino da Argélia, anunciou que o próximo congresso da Frente de Libertação Nacional da Argélia começa no próximo dia 27 do corrente. Bitat discursava na reunião da comissão nacional encarregada de preparar o congresso. A organização das eleições presidenciais figura na ordem do dia do congresso. (Tass)

## SEKOU TOURÉ VISITARÁ A TUNISIA

TUNIS — O presidente Ahmed Sekou Touré, chefe de Estado da República Popular e Revolucionária da Guiné, efectuará uma visita de amizade à Tunísia, de 24 a 25 do corrente, a convite do presidente tunisino Habib Bourguiba. Fontes oficiais indicaram que esta visita se inscreve no quadro dos «laços de fraternidade e de cooperação» que existem entre os dois países. (FP)

## BENIN: COMEMORADO O ANIVERSÁRIO DA AGRESSÃO

COTONU — O segundo aniversário da agressão armada mercenária de 16 de Janeiro de 1977 foi comemorado antontem em todo o território beninense. Em Cotonu, onde os mercenários desembarcaram há dois anos, esta data foi assinalada pela inauguração de uma «Praça dos Mártires» e de um importante monumento erigido à memória das vítimas da agressão imperialista. (FP)

## ANIVERSÁRIO DE NASSER

TRIPOLI — Manifestações comemorativas do 61.º aniversário do nascimento do notável político egípcio Gamal Abdel Nasser tiveram lugar na terça-feira na capital líbia e noutras cidades. Os manifestantes transportavam retratos de Nasser e clamavam palavras de ordem à memória do eminente filho do povo egípcio que pôs a sua vida ao serviço da luta contra o imperialismo, o sionismo e da unidade das forças progressistas árabes. (Tass)

## ANGOLA: REGRESSO DE REFUGIADOS

LUANDA 17 — O «Jornal de Angola» anunciou ontem que 48 mil refugiados angolanos regressaram ao país, vindos do Zaire. A seguir às decisões do primeiro congresso do MPLA — Partido do Trabalho, assiste-se a um retorno massivo ao país de angolanos desejosos de participar activamente na reconstrução nacional. (Tass)

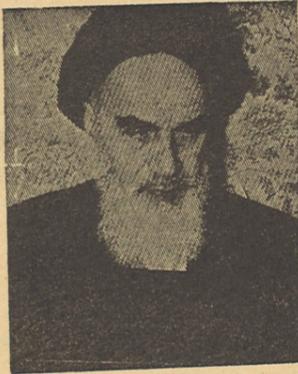
## REUNIÃO DO COMECON

MOSCOVO 16 — O comité executivo do COMECON (mercado comum dos países socialistas) encontra-se reunido desde terça-feira em Moscovo numa sessão ao nível dos chefes adjuntos dos governos dos países membros. A URSS, os seis países socialistas da Europa, e ainda Cuba e a Mongólia participam nesta sessão, em que a Jugoslávia, embora não fazendo parte do COMECON, está representada por um membro do seu governo. (Tass)

## EMISSORA ÁRABE

LONDRES 16 — Uma nova estação de rádio, «A Voz do Islão», emitirá a partir de Junho próximo, anunciou na segunda-feira em Londres o seu futuro director, Mohamed Iqbal Zakaria. Os programas da «Voz do Islão», cuja sede se encontra na capital britânica, serão difundidos em inglês, francês, espanhol, árabe, russo e turco. (FP)

# Irão: e depois do Xá?



O xá partiu e Komeiny regressa. Chapur Baktiar manter-se-á?

Com a partida, anteontem, de Mohamed Reza Pahlavi, a monarquia parece ter desmoronado no Irão a julgar pelo regozijo popular que se registou em muitas cidades, mas sobretudo na capital Teerão. A partida do Xá é considerada pelos observadores como a mais importante vitória obtida até agora pelo ayatola Komeiny, de 78 anos de idade,

adversário tenaz da monarquia, dos seus excessos, da sua corrupção, mas também e sobretudo da forte dominação estrangeira sobre o país. O ayatola venceu o xá, pelo menos provisoriamente, porque ele simbolizou a dificuldade do povo em aceitar uma cultura alheia, muito bruscamente imposta pelo rei e os defensores do seu regime

que aproveitaram largamente o reino. O grande chefe religioso simboliza também a necessidade irresistível de muitos iranianos de derrubar um sistema que favorecia justamente o que a religião chita combate: a ditadura de um só homem, a crueldade policial absoluta e os incontáveis crimes económicos denunciados incansavelmente pelo ayatola.

A partida do xá do Irão é apenas o primeiro passo para a vitória, adverte a maioria dos iranianos. A multidão em Teerão, dançando, cantando, saudando a liberdade e Komeiny, demoliu seis estátuas do xá, incluindo duas do fundador da dinastia Pahlavi.

O presidente do Conselho Shapur Baktiar dirigiu uma menagem à nação, pedindo que ela mantenha a calma e que apoie as suas medidas que, como afirmou, «obtiveram em dez dias um sucesso que não foi atingido durante anos». Komeiny, que poderá regressar ao Irão no sábado, adverte também quotidiana-

mente o povo a manter-se disciplinado. Os seus apelos foram escutados, particularmente no exército. Em vários lugares, os soldados juntaram-se anteontem aos manifestantes, com cravos encarnados nas suas espingardas.

«A vitória não reside na abdicação do xá, cuja partida é a primeira etapa do fim da dominação estrangeira no Irão», declarou na terça-feira o ayatola Komeiny. O líder religioso acrescentou que restam muitos problemas a resolver depois da partida do xá. Komeiny apelou à juventude iraniana a encarregar-se da manutenção da ordem no Irão e a resistir à propaganda dos inimigos do povo. O líder chita considera que o perigo de um golpe de estado militar no Irão tinha passado.

Da sua residência de Paris, o ayatola declarou ainda que todos os bens do xá são propriedade pública, e pediu aos aldeões iranianos a unirem-se para se oporem às tentativas dos «agentes do governo» de criar uma penúria artificial. Pediu também ao exército iraniano para se opor às tentativas americanas de desmantelar os materiais comprados com o dinheiro do povo.

Entretanto, assinala-se o perigo de um conflito entre diferentes correntes da oposição, tanto mais que já se tiveram notícias de incidentes menores nas ruas de Teerão entre grupos da esquerda e grupos religiosos. Karim Sanjabi, líder da Frente Nacional declarou que a partida do xá era «um passo na via do estabelecimento da democracia» e lançou também um apelo à calma e à ordem.

## Dirigente da Swapo

(Continuação da pág. 1)

opressão contra o nosso povo, especialmente contra a população civil indefesa» — afirmou o nosso visitante.

O representante da Swapo acrescentou ainda que o exército popular de libertação obteve êxitos contra as forças estrangeiras, e que neste momento os nacionalistas controlam grande parte da população. O apoio popular à Swapo é significativo e está-se, neste momento, «a alargar a área de ataque contra importantes objectivos económicos do inimigo».

Interrogado sobre a opinião da Swapo no que se refere à visita recentemente efectuada à Namíbia pelo enviado especial de Kurt Waldheim, Mari Athisaarl, o delegado da Swapo às comemorações do Dia dos Heróis Nacionais respondeu que «não vê a presença desse diplomata na Namíbia com o objectivo de negociar o relatório do Secretário-Geral da ONU com as autoridades racistas. A Swapo já declarou ter aceite o relatório das Nações Unidas e a visita desse representante resume-se na discussão, com os representantes coloniais, da implementação desse relatório».

«A nossa mensagem para o povo da Guiné-Bissau, por ocasião do 20 de Janeiro, é a de reafirmar a nossa determinação de lutar contra o imperialismo, a subversão reaccionária, o neo-colonialismo, a fome e a doença, e para o desenvolvimento e preservação da nossa cultura».

## Visita de Luiz Cabral a Angola e S. Tomé

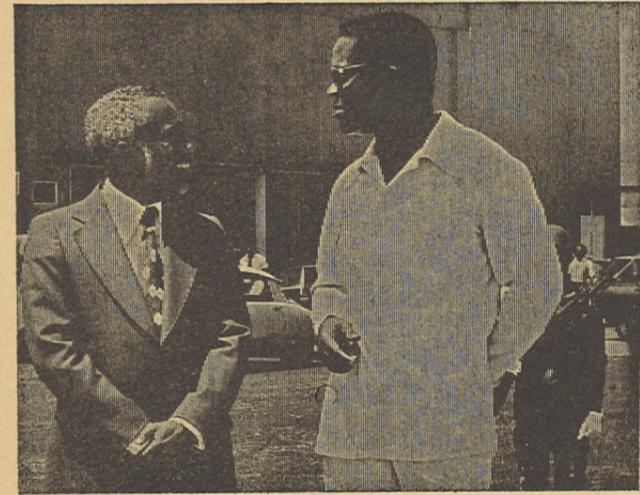
(Continuação da página 1)

uns poucos exploradores, brota uma enorme riqueza que agora pode ser usufruída por aqueles que, com não menos esforço, a fecundam.

«Tive grande prazer em visitar S. Tomé pela primeira vez e encontrar os nossos amigos e companheiros de luta nos seus postos de trabalho, para a construção do progresso de S. Tomé», salientou o Chefe de Estado guineense, informando que fez um convite ao Presidente São-tomense

Instado para se pronunciar sobre a normalização das relações entre Angola e Portugal, que poderiam estar na base da troca de impressões com o Presidente Agostinho Neto, o camarada Luiz Cabral afirmou que abordou com o seu homólogo angolano questões referente à cooperação entre Bissau e Lisboa que, segundo as suas palavras, são excelentes, e a próxima visita do Presidente Ramalho Eanes ao país.

«Penso que, em relação a Angola, não houve possibil-



Os Presidentes Luiz Cabral e Manuel Pinto da Costa

para efectuar uma visita oficial ao nosso país no decorrer do presente semestre.

Interrogado sobre a hipótese da realização de uma cimeira de Chefes de Estado dos países africanos de expressão portuguesa, de acordo com notícias publicadas por alguns jornais, o camarada Presidente afirmou que não se pode pôr de parte essa hipótese, visto tratar-se de cinco países africanos que têm relações de amizade baseadas nos interesses dos seus povos, ontem na sua luta pela independência e hoje na luta pelo progresso, mas que não foi assente nada de concreto em relação a isso.

Acrescentou ainda que um encontro deste género teria que implicar uma consulta prévia a todos os Chefes de Estado dos cinco países. Por outro lado, o camarada Presidente do Conselho de Estado frisou, em relação a esta questão, que desde as independências esteve sempre em vista tal projecto.

dade de reunião da comissão mista que tinha sido criada. Toda a evolução das relações entre Portugal e Angola está dependente dessa reunião, em que a comissão deverá estudar o referido problema», salientou a terminar.

Nas escalas que efectuou em Cotonou, na ida, e em Abidjan, no regresso, o camarada Presidente avistou-se, respectivamente, com o chefe de Estado do Benin, Mathieu Kérékou, e com o ministro dos Negócios Estrangeiros da Costa do Marfim, Simon Ake.

O camarada Presidente do Conselho de Estado tinha sido acompanhado nesta sua visita, pelo Secretário-Geral do Comissariado de Estado do Interior, camarada António Buscardini, e por elementos das Casas Civil e Militar da Presidência.

No nosso próximo número contamos poder publicar imagens da visita do camarada Luiz Cabral aos dois países amigos.

## Dia dos Heróis Nacionais

(Continuação da página 1)

É neste quadro que a Direcção do Partido decidiu que o dia 20 de Janeiro seja assinalado em todo o país com reuniões de homenagem aos Heróis e Mártires da nossa luta e com uma sessão de solidariedade com os patriotas da Namíbia, dirigidos pela SWAPO.

Assim, no sábado de manhã, a partir das 10 horas, no Sector Autónomo de Bissau, realizam-se em todos os locais de trabalho e de residência (bairros), reuniões das Assembleias de Grupo, dirigidas pelos respectivos Comités, devendo participar não só os militantes e candidatos do Partido, como os simpatizantes e trabalhadores em geral. Nestas reuniões, oradores previamente designados pelos Comités evocarão a nossa luta de libertação e a memória de todos os que caíram pela sagrada causa da independência e falarão sobre a figura de um Herói Nacional.

Nas regiões do interior do país, efectuam-se igualmente reuniões com os militantes e as populações, bem como outras actividades de iniciativa local, de carácter político, cultural e desportivo.

No sábado à tarde, pelas 17 horas e 30 minutos, na sede do Partido, em Bissau, terá lugar uma sessão de solidariedade com o povo da Namíbia, a qual inclui a projecção de filmes sobre a luta encabeçada pela SWAPO contra os ocupantes racistas sul-africanos.

Para este acto, a que assistem altos dirigentes do Partido e do Estado, bem como um representante da SWAPO, o Secretariado do Conselho Nacional da Guiné do PAIGC convida a participar: os membros da Direcção do Partido, do Governo e do Estado-Maior das FARP; os membros e colaboradores do Comité do Sector Autónomo de Bissau; os membros dos Comités nos bairros e locais de trabalho; os professores e alunos da Escola Nacional do Partido; os quadros e militantes que participaram no seminário central para a popularização das resoluções do III Congresso; os membros do Secretariado Nacional Provisório e da Comissão Preparatória da I Conferência Nacional da JAAC; os membros do Conselho Nacional Provisório da UNTG; as responsáveis nacionais da Comissão Feminina; e os membros da Associação dos Antigos Alunos da Escola-Piloto.

O Secretariado do CNG apela a todos os militantes e simpatizantes do PAIGC, aos membros da JAAC, dos comités de base da UNTG e da Comissão Feminina, bem como aos trabalhadores da cidade de Bissau em geral, no sentido de participarem nesta manifestação de solidariedade com o povo da Namíbia em luta, concentrando-se no sábado, a partir das 17 horas, defronte da sede do Partido, na Praça dos Heróis Nacionais, para onde a sessão será transmitida, através de alti-falantes.

Vamos, pois, camaradas, participar activamente nas reuniões de homenagem e na sessão de solidariedade, no sábado, comemorando condignamente o 20 de Janeiro, dia dos Heróis Nacionais.

Vamos manifestar todo o apelo do PAIGC à luta do povo da Namíbia, dirigida pela SWAPO, honrando assim a memória dos que tombaram pela liberdade das nossas terras e da África!

Glória eterna a Amílcar Cabral e a todos os Heróis e Mártires da nossa luta!  
Viva o PAIGC, força, luz e gula do nosso povo na Guiné e Cabo Verde!

O Secretariado do Conselho Nacional da Guiné do PAIGC

## ULTIMAS NOTICIAS

GRÃ-BRETANHA: ESTADO DE EMERGÊNCIA

LONDRES, 17 — O governo britânico proclamará hoje o estado de emergência para fazer face «à deterioração da distribuição dos produtos alimentares», afirmou-se de fonte segura na capital britânica.

Precisou-se que a decisão está sendo estudada e será tomada durante uma reunião plenária do gabinete. Por outro lado, o líder da Câmara dos Comuns, Michael Foot, anunciou que dois ministros farão hoje declarações sobre a crise perante a câmara.

A vida económica britânica encontra-se praticamente paralizada por greves laborais em quase todos os sectores. Os sindicatos, que protestam contra a política salarial do governo recusaram anteontem as concessões feitas pelo Primeiro-Ministro Callaghan e seu gabinete. — (FP)

REMODELAÇÃO GOVERNAMENTAL NA MAURITÂNIA

NOUAKCHOTT, 16 — O chefe de Estado mauritaniano, coronel Moustafá Ould Mohamed Salek, remodelou anteontem o seu governo, pela primeira vez desde a sua subida ao poder, em 10 de Julho passado. Esta remodelação, indicou um comunicado publicado no final de uma reunião do Comité Militar de Recuperação Nacional (CMRN), tem por objectivo essencial a criação de estruturas que permitam defrontar «com o máximo de eficácia» as exigências da recuperação nacional, nos próximos anos.

O governo compõe-se actualmente de 20 ministros, em vez de 15. Um ministério de Estado da Presidência foi criado e confiado ao antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, Cheikhna Ould Mohamed Laghdaf, que é substituído na chefia da diplomacia mauritaniana por Ahmedou Ould Abdalla, antigo embaixador junto da CEE, em Bruxelas. — (FP)

DEMISSÃO DO GOVERNO BOLIVIANO

LA PAZ, 16 — O governo militar boliviano apresentou na segunda-feira a sua demissão em bloco ao presidente David Padilla, provocando assim a primeira crise governamental desde o golpe de Estado que o tinha instalado no poder em 24 de Novembro último. — (FP)